

A comunicação face ao Antropoceno: os desafios das comunicabilidades junto às alteridades significativas¹

Tiago Barcelos Pereira Salgado

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumo

O desafio posto à Comunicação pela atual fase do Antropoceno de lidar com alteridades significativas é investigado com base nas Humanidades Ambientais conforme uma perspectiva multiespécies. Estão implicadas nessas relações interontológicas responsabilidades éticas e de cuidado na medida em que as entidades humanas e não humanas entram em contato e em contágio. Nessas dinâmicas, a potência do encontro (comunicabilidade) se efetiva em ato (comunicação) em operações de devir-com, fazer-com, tornar-se com e dever-com. Por meio de um vocabulário próprio, com base no referencial mobilizado, este trabalho considera que a tessitura do comum e do social se dá de maneira ecológica, sendo a comunicação, portanto, concebida em biossociabilidade.

Palavras-chave

Alteridades significativas; Antropoceno; Comunicabilidade; Comunicação.

Introdução

O Antropoceno, atual era geológica de Gaia, demarcada pela sobressaliência da força humana sobre as forças geológicas e naturais, impõe à Comunicação o desafio e o esforço de lidar com as alteridades significativas. O presente contexto ambiental no qual a humanidade se encontra traz à tona e evidencia relações multiespécies que durante a modernidade foram negligenciadas por perspectivas comunicacionais purificadoras, as quais, por sua vez, tentaram bipartir os polos natureza e cultura ao privilegiarem a humanidade em detrimento das relações ecológicas entre esta e a não humanidade (minerais, vegetais e animais; em diálogo com perspectivas midiáticas e midiáticas é possível incluir os objetos técnicos, como os meios infocomunicacionais ou mídias). Com isso, tais abordagens comunicacionais fizeram prevalecer as interações humanas em detrimento de outras.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

Com efeito, a Constituição Moderna (Latour, 1994) purificou os híbridos nos dois polos mencionados e promulgou a Bifurcação da Natureza (Whitehead, 1994), fraturando objetividade e subjetividade na esteira de René Descartes e Immanuel Kant, ambos herdeiros do pensamento humanista, atomista e racionalista de Aristóteles e Demócrito (Salgado, 2022). Essa cisão acabou por relegar às Ciências Naturais o estudo da natureza, dos minerais, dos vegetais e dos animais (seres inanimados). Às Ciências Humanas e Sociais coube o estudo da cultura (seres animados, dotados de alma, espírito ou racionalidade), com dedicação aparentemente exclusivista à humanidade no que diz respeito à sua linguagem, interações e psiquismos (ideias, ideologias e imaginários).

Apesar de a Comunicação ser uma ciência moderna (Sodré, 2014), sobretudo organizada a partir de seu marco zero delimitado pelo advento dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, e dos fenômenos das massas urbanas, no início do século XX, portanto herdeira conceitual e metodológica da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia Social, bem como dos Estudos de Linguagem (Semiótica e Semiologia) (Salgado; Oliveira, 2022), as práticas comunicacionais não se limitam à humanidade, não são uma exclusividade dela. Mesmo que as teorias da comunicação tradicionais e hegemonicamente perpetuadas – cêntricas conforme (Torrico, 2019) – privilegiem a humanidade para conceberem a comunicação (Salgado; Oliveira, 2022), a não humanidade também comunica e integra os processos e dinâmicas comunicacionais porque igualmente é capaz de vincular-se e produzir sentidos. Assim, quando liberada de modelos cêntricos (antropocêntricos sobretudo), a comunicação se amplia para dimensões simbióticas, partilhadas e ecológicas (Oliveira; Salgado, 2023).

O Antropoceno escancara que a humanidade sempre esteve em relação com a não humanidade uma vez que Gaia, esse sistema geofísico vivo (Stengers, 2015; Latour, 2020), emerge como intrusa ao responder às provocações extrativistas, capitalistas, neoliberais, devastadoras, predatórias, excludentes, racistas, genocidas e mortíferas da humanidade com catástrofes, desastres, pestes, pandemias, tsunamis e outras manifestações ambientais vorazes que conclamam a humanidade a se posicionar e escolher entre modernizar ou ecologizar (Latour, 2020). Estes são tempos perturbadores, confusos, turvos e desconcertantes (Haraway, 2023), de modo que Gaia também se intromete em nossas categorias de pensamento e no próprio ato de pensar como potência temível e devastadora.

De fato, a condição humana é marcada historicamente por sua vinculação com a não humanidade (alimentação, transporte, técnicas e tecnologias, como o fogo, os suportes de escrita, entre outros exemplos). A não humanidade, por outro lado, não prescinde de todo da humanidade para existir (Latour; Strum, 1986; Strum; Latour, 1987; Salgado, 2022), como o sol a brilhar, as plantas a fazerem fotossíntese, os corais a se reproduzirem e os pássaros a voarem. A humanidade tende a se intrometer nessas interações, catalisando reações adversas, como as mencionadas antes. Em vista disso, ecoa a reivindicação de Haraway (2022, 2023) na direção de que a humanidade seja responsável (respons-hábel), isto é, seja capaz de responder coletiva e eticamente ao imbróglgio ecológico no qual se meteu. Essa responsabilidade para a autora deve ser remendada em conjunto e não no hiato existencialista e solitário teorizado por Heidegger (quem trata do excepcionalíssimo humano em função de sua consciência compreensiva e reflexiva).

Para isso, a humanidade mesma precisa compreender melhor as redes que tece junto com as outras alteridades, também significativas (Haraway, 2023). Por isso, uma vez que a comunicação implica em uma dinâmica de ir ao encontro de outros/as (Serres, 19--?; Martino, 2001; Salgado, 2022), de outras alteridades, de outros/as que não são si mesmos/as, mas com os/as quais é preciso seguir adiante, faz-se necessário o alargamento da noção de comunicação. Esse esforço tem sido feito a fim de que outras alteridades, não apenas humanas, sejam consideradas, de modo a se evitar o exclusivismo humano que perdurou em definições modernas de comunicação. Para tanto, as categorias de contato e de contágio podem ser acionadas. Ambas visam a precisar os encontros, as associações, as interações entre alteridades, bem como a mútua afetação entre elas.

O desafio de inclusão de alteridades significativas por parte das comunicabilidades – possibilidades comunicacionais múltiplas de convivências interontológicas que se concretizam em atos comunicacionais factuais, como o ato de comunicar, a comunicação – pode ser superado, ainda que não completamente, mas tentativamente, pelo acionamento do arcabouço epistêmico, teórico, conceitual e metodológico das Humanidades Ambientais (Rose et al, 2012). Essas abordagens, como o próprio nome dá a ver, buscam reativar e se ancorar em pensamentos ecológicos que concebem a humanidade em sua indissociável associação com a não humanidade, com o meio ambiente que circunda diversas entidades orgânicas ou não. Para fins deste texto, a

perspectiva ecológica de Donna Haraway será privilegiada, tendo em vista a discussão acerca de alteridades significativas com foco nas relações multiespécies.

Comunicabilidades e encontros possíveis entres alteridades significativas

Ao adotar uma postura feminista para refletir acerca das influências tecnológicas e científicas do final do século XX sobre as relações sociais, Haraway (2009) resitua a humanidade como ciborgue, assumindo também que “jamais fomos humanos” (Haraway, 2008) – expressão que faz eco àquela de Latour (1994) de que “jamais fomos modernos”. Trata-se, então, de compreender o ciborgue por uma visão não unilateral e dicotômica, mas como um híbrido resultante de fusões entre máquina e organismo, de uma mistura entre ficções e realidades sociais que não constituem um corpo sólido com elementos integrantes bem delimitados. O ciborgue seria uma espécie de metáfora de uma nova política situada em um mundo paulatinamente marcado pelo binômio ciência e tecnologia. Nesse contexto, os limites entre humano e animal, organismo e máquina, físico e não físico se revelam fluídos, não estáticos. Nessa dinamicidade amoderna, que busca romper com categorias estanques e hierárquicas, outras formas associativas e configurações de significados se tornam manifestas, ressaltando o caráter mutante das identidades, não essencialistas, e tensionando as ideias tradicionais de “eu” e de “outro” ou de “sujeito” e “objeto”.

Essa latência de entrelaçamento entre as diferentes ontologias que se efetiva no ato comunicacional é o que este trabalho toma por comunicabilidade. Com base na noção de ciborgue, que evita os dualismos modernos de mente/corpo, natureza/cultura, organismo/máquina, humano/não humano, portanto, deriva a ideia de que processos e dinâmicas comunicacionais enredam ontologias diferentes que tentativamente buscam conviver em um mundo comum. A comunicabilidade se configura, portanto, como abertura indeterminada previamente para o encontro entre diferenças, de modo que o comum é produzido pelas tensões entre os/as diferentes. Estes/as são diferenciantes na medida em que deixam de ser si mesmos para serem outros/as a cada encontro com outros/as diferentes, no sentido de devir-com, fazer-com, compor.

Não se trata de experimentações sólidas, harmônicas e de todo pacíficas, mas de tentativas elaboradas nos encontros, nos quais o comum é tecido e refeito a todo instante conforme cada associação temporariamente estabelecida. O social, a esse modo

ecológico, posto que relacional e organizador de compreendê-lo, estende-se para além do humano e sublinha possibilidades conectivas não antropocêntricas. Com base em Vincienne Despret, Haraway (2023) destaca que o inexorável devir-com significa também “tornar capaz”. Nesse sentido, os/as parceiros/as ontologicamente heterogêneos/as se tornam mutuamente capazes de se tornarem quem são e o que são por meio de mundificações relacionais semiótico-materiais, não precedendo essas mundificações entretecidas. Trata-se de uma mistura entre ontologias, de modo que o devir-com opera, ainda, como tornar-se com, estendido a humanos, a animais e a ambientes. Os exemplos vão desde as relações multiespécies humanas com lobos, cães, cachorros, pombos, entre outros.

Ademais, essa mescla implica que as identidades estão sempre em fluxo e que as relações entre os seres são mais interdependentes e entrelaçadas do que frequentemente se assume (Haraway, 2008). Igualmente, a proposta de devir-com evidencia a ideia de “espécies companheiras” utilizada por Haraway (2008) de modo a evitar o excepcionalismo humano. As espécies companheiras são, portanto, seres-em-encontro, em conexões parciais, e não em universais e particulares. Não se trata apenas de relações entre animais, mas também da humanidade com os objetos técnicos, como as muletas e as cadeiras de rodas do pai de Haraway. Tais enredamentos entre próteses e carne evidenciam a dimensão ciborgue dos seres.

Nesse jogo de relações, novos arranjos são enredados por alteridades que também são significativas para a tessitura da comunicação. Encontrar-se com alteridades implica em devir-com elas, ou seja, em constituir-se em multiplicidade ontológica dissociativa entre polos indistintos. “Ser um é sempre devir com muitos” (Haraway, 2022, posição 17). Há uma responsabilidade ética no devir-com que também é dever-com (Haraway, 2023). Nos termos de Marras (2018), o que se tem são entres e não mais entes, no sentido pronto, acabado, fechado e imutável. Disso decorre um viver como conviver (viver-com). Nas palavras de Haraway (2022, 2023), trata-se de simbiontes, isto é, de organismos que vivem em relações intrínsecas com outros – isso não significa assumir que essas relações são simétricas e benéficas para todos (vide relações ecológicas de mutualismo, comensalismo, predatismo, canibalismo, amensalismo, parasitismo), mas considerar que não há ser único no sentido de ser uma unicidade fechada. Justamente pelo fato de as variadas ontologias serem relacionais é que também são multiplicidades.

A comunicação, portanto, lida com multiplicidades, com entres, com simbiotes. Não há um “eu comunico”, mas um “nós comunicamos”, posto que toda ação comunicacional é uma ação relacional, interacional, associativa, conectiva. A própria etimologia latina da palavra “comunicação” (*communication*) evidencia que essa ação não se dá em isolamento, mas coletivamente, em comunidade (*communitas, communis*), no encontro, no compartilhamento (Martino, 2001; Salgado, 2022). Na visão de Haraway (2022), ao retomar a etimologia latina do termo “companheiro” (*cumpanis* – compartilhar o pão, comensais à mesa), os simbiotes, as espécies, são companheiros/as pois partilham de uma mesma experiência de produção de vida, de uma existência plural. O companheirismo nessa proposta não se refere puramente à concordância, mas ao ato de seguir, de acompanhar, de associar-se e partilhar de uma mesma dinâmica que é operada e tecida em conjunto, de uma experiência de vida compartilhada. Acerca disso, Haraway (espécies, posição 248) acrescenta: “Como verbo, acompanhar é ‘consorciar-se, fazer companhia’, com conotações sexuais e gerativas sempre prontas a irromper.”.

Essa experiência envolve contatos e contágios entre as ontologias. Haraway (2022), considera que os emaranhados implicados nas ações de fazer-mundo se dão justamente em zonas de contato. Em outros termos, são nos momentos de encontro entre alteridades significativas, entre diferenças, que se dão as formações de composições ciborgues que tecem o mundo e fabricam o comum. O contato, então, diz respeito a “um devir-com jogado em zonas de contato, ou seja, em localidades nas quais as espécies se encontram, não antecedendo-as, mas sendo feitas com elas, nas situações de encontro” (Salgado; Oliveira, 2023, p. 9).

Trata-se também de uma ética e de uma política de convívio mútuo “comprometidas com o florescimento de alteridade significativa” (Haraway, 2021, p. 11). São éticas e políticas do contato, que integram seres que se constituem em intra e interação (Haraway, 2022), pois não apenas se relacionam permanecendo si mesmas, mas se vinculam numa composição terceira, híbrida, ciborgue. Em qualquer contato há um risco envolvido. Nessa ecologia das práticas, as relações são postas em risco. Há o risco de com quem irá se encontrar e como se dará esse encontro. Logo, a comunicação é arriscada; assume-se um risco ao se passar da abertura como comunicabilidade e potência de encontro à comunicação como ato, isto é, ao próprio encontro por contato e contágio.

O florescimento ético e político das alteridades se dá também por contágio. Apesar de Haraway (2023, p. 53) não empregar exatamente o termo “contágio”, ela sugere que

“[a]s espécies companheiras contaminam-se o tempo todo”. A contaminação se expressa no sentido de transformação, mutação e mútua afetação. É na junção entre contato e contágio, portanto, que a comunicabilidade como potência se efetiva em comunicação como ato. Esse encaixe possibilita conceber a comunicação ecologicamente.

Nesse sentido, não basta conceber a comunicação como relacional sem considerar que essa relação implica em mútua afetação. Para haver comunicação é preciso que haja também contágio, ou seja, a mútua afetação entre as entidades associadas. Ambas se tornam irredutíveis a uma ou a outra [...]. (Salgado; Oliveira, 2023, p. 14).

O contágio se dá, então, quando as entidades entram em contato umas com as outras, agindo umas sobre as outras (Tarde, 2007). A parceria e o companherismo não precedem o encontro, mas resultam de uma “dança de encontros que molda sujeitos e objetos” (Haraway, 2022).

Essas posições de sujeito e objeto oscilam constantemente quando alguns entres levam a agir outros e quando são agidos por outros (Latour, 2012). Nesse emaranhado, mais do que interação e contato, há vinculação, contágio e mútua afetação que, nessa processualidade simbiótica, produzem o comum e as vivências vividas conjuntamente, isto é, comunicacionalmente e ecologicamente.

Esse entranhamento comunicacional é investigado por Sheldrake (2021). Ao pesquisar sobre como os cogumelos constroem o mundo, numa espécie de trama da vida, o autor destaca que a existência das árvores é possibilitada por teias de fungos. Trata-se de uma composição que ele nomeia de “internet das árvores”, um complexo de associações que propiciou todas as formas de vida terrestres conhecidas. De modo mais amplo, ele afirma que são essas teias que viabilizam toda a vida na Terra. Há, nesse sentido, uma relação ecológica, isto é, interdependente entre as espécies. Isso evidencia as conexões e os ecossistemas multiespécies, que enredam uma miríade de alteridades significativas, desde minerais até vegetais e animais. Nas palavras do autor:

[Os fungos] estão decompondo rocha, fazendo solo, desestabilizando poluentes, nutrindo e matando plantas, sobrevivendo no espaço, induzindo visões, produzindo alimentos, fazendo remédios, manipulando o comportamento animal e influenciando a composição da atmosfera. (Sheldrake, 2021, posição 66).

As sociedades humanas estão igualmente entrelaçadas com os fungos. Doenças causada por eles provocam perdas de bilhões de dólares – o fungo da brusone

destrói uma quantidade de arroz suficiente para alimentar mais de 60 milhões de pessoas todos os anos. (Sheldrake, 2021, posição 136).

Ambas as citações evidenciam as relações estreitas entre organismos, em relações simbióticas e colaborativas. Essa rede intrincada de elementos heterogêneos explicita a ideia de seres-em-encontro destacada por Haraway (2022). A atadura entre tais elementos os qualifica como fazedores-de-sentido que “reúnem a quem lhes responde em tipos imprevisíveis de ‘nós’” (Haraway, 2022, posição 38). A imprevisibilidade concerne às possibilidades de encontro entre diferentes diferenciadores e é intrínseca as aberturas comunicacionais latentes nas dinâmicas performativas que vão tecendo o mundo.

A produção de sentido se constrói pelas trajetórias associativas entre os simbioses. Distintamente de perspectivas humanistas, especialmente aquelas dimanadas dos gregos, que recorrem a categoria “humano” para conceber a noção de “inteligência”, colocando-o sempre no topo da lista, Sheldrake (2021, posição 279) ressalta que “seres sem cérebro”, como os fungos, são capazes de tomar decisões ao “compararem linhas de ação possíveis e encontrarem o caminho mais curto entre dois pontos em um labirinto”. O pesquisador descreve como o mixomiceto (espécie de fungo) foi hábil em encontrar a melhor rota para passar entre flocos de aveia, gerando uma rede quase idêntica à rede ferroviária de Tóquio. Em vista disso, por abordagens humanistas e antropocêntricas, não ecológicas, seres aparentemente inertes ou inanimados seriam incapazes de resolver problemas ou mesmo comunicar ou aprender.

O sentido é atribuído aos ambientes pela capacidade de detecção e reação a substâncias químicas, sendo esta uma habilidade sensorial primordial dos fungos, por exemplo. Logo, a percepção química é o que assegura a dotação de sentido (Sheldrake, 2021). Por meio dessa processualidade, os seres podem atrair outros. Essa atração demonstra a potência conectiva, vinculativa, associativa e contagiosa dos simbioses. Quando se encontram, se tensionam, se reviram, se ajustam, se provocam, se reconfiguram e se associam, tecem redes de significado.

Outro exemplo do autor que revela essa abertura comunicante é o processo de anastomose das hifas, pequenos filamentos dos micélios fúngicos que se fundem a fim de se expandirem, ramificando-se e sustentando a própria existência sabendo se encostam ou tocam (se estão em contato) consigo mesmas ou com outras. Essa dinâmica interalteridade produz redes complexas de relações.

Com efeito, a sobrevivência e a existência em Gaia está condicionada à convivência multiespécie (entre parentes) e também à efetivação de comunicabilidades em atos comunicacionais que continuamente e incessantemente recriam o mundo e o impulsionam a tornar-se outro. Esse constante reatar de vínculos e a busca por outros é comunicacional. Em outras palavras, a comunicação é esse ininterrupto fluxo de ligações diferenciadas por meio de contatos e contágios multialteridades. Em síntese, nos constituímos mutuamente, “[n]ós somos ecossistemas que ultrapassam fronteiras e transgridem categorias” (Sheldrake, 2021, posição 337).

Assim sendo, quando as espécies se encontram, elas se olham, elas se observam (a etimologia de espécie é olhar, observar), elas se tocam (entram em contato) e se afetam transformando-se mutuamente (estão em contágio). Reside nesse ato comunicacional uma dimensão ética. Esta implica no respeito, como “olhar de volta, considerar, compreender que o encontro com o olhar do outro é uma condição de se ter rosto” (Haraway, 2022, posição 1651). Implica também em reciprocidade, em notar e prestar atenção às outras alteridades significativas, em responsabilidade, quer dizer, na capacidade de responder ao convite dos/as outros/as, em participar desse jogo de relações que importam, de tramas, dessa cama de gato, figura evocada por Haraway (2022, 2023). O que está em jogo, segundo a autora, é o quem e o que são, sendo a regra do mesmo a interdependência entre parceiros/as.

Trata-se, assim, de

[u]ma comunicação corporificada [que] é mais como uma dança do que como uma palavra. O fluxo de corpos significativos emaranhados no tempo – quer estes sejam erráticos e nervosos ou flamejantes e fluentes, quer os parceiros se movam em harmonia ou penosamente fora de sincronia ou algo totalmente diferente – consiste na comunicação sobre a relação, na própria relação e nos meios de remodelar a relação e, logo, aqueles que a encenam. (Haraway, 2022, posição 440).

Para dançar é preciso estar disponível. É preciso se abrir como alteridade que se encontre e se envolva, se enrede com outras, como comunicabilidade que busca realizar-se como comunicação, como associação por contato e contágio. Em aliança provisória e contingencial, as alteridades significam umas para as outras porque importam, interessam, fazem a diferença na relação ao possibilitarem ao um ser múltiplo, a ser mais do que si mesmo, a ser um mutante, um ciborgue, um híbrido de laços, de toques e de afetações.

Nessa tessitura, o comum é forjado, é tensionado pelos fios que o compõem em arranjos imprevisíveis.

Essa processualidade simbiótica está por toda parte, como nos dizem Haraway (2022) e Sheldrake (2021), e somos responsáveis pelos modos como o mundo ganha forma. Como destaca a primeira autora, “não há lugar de descanso em um mundo múltiplo e parcialmente conectado” (Haraway, 2022, posição 767). Ela também adiciona: “Acima de tudo, estou convencida de que são os encontros reais que fazem os seres.” (Haraway, 2022, posição 1255).

Assim, a comunicação como ética da alteridade significativa, portanto, é um trabalho contínuo e tentativo. É um esforço recíproco de criação de “conexões afetivas” (Haraway, 2009) e de coconstrução de respeito pela ultrapassagem da mera coexistência com os/as outros/as e, a valer, de engajamentos em processos mútuos de compreensão. Isso concerne a colocar-se no lugar de outros/as, ou melhor, de situar-se com as entidades que nos cercam e com as quais partilhamos e tecemos um mesmo mundo (Haraway, 1995).

Desse modo, torna-se possível e viável reconhecermos a diversidade de formas de vida e valorizarmos as agências de outros seres, humanos ou não, reconhecendo que não estamos separados ou acima da natureza, mas somos parte dela. “A ética não tem a ver, portanto, com uma resposta correta a um outro radicalmente exterior/izado, mas com responsabilidade e prestação de contas pelas relacionalidades vivas do devir de que somos uma parte”. (Haraway, 2023, posição 5319).

Considerações finais

A narrativa do Antropoceno, como exposto, enreda entidades bióticas e abióticas. Conjuntamente ambas tecem e refazem um mundo em comum por meio de uma biossociabilidade operada em zonas de contatos e de contágios mútuos. Em reciprocidade, as espécies se encontram em relações ecológicas diversas de companheirismo enquanto partilham experiências e vivências múltiplas conforme os arranjos que estabelecem na trajetória da vida. Em tais encontros, os agentes em copresença são alterados. Como mutantes, diferentes diferenciadores e ciborgues, os simbiontes habitam umas e outras alteridades significativas, em relações que são ecológicas.

Essa dinâmica, associativa, relacional, interacional, vinculativa e, portanto, comunicacional, evidencia induções recíprocas de toques múltiplos que contagiam os entres em movimentos de devir-com, tornar-se com e fazer-com. Essas práticas comunicacionais e ecológicas solicitam e evidenciam uma responsabilidade ética dos simbioses, enquanto dever-com, na direção de atentarem para as outras alteridades, também significativas por serem diferentes, distintas e não si mesmas. Essa responsabilidade, ou melhor, capacidade de responder, não necessariamente de modo simétrico ou mimético, que uniformizaria as respostas, integra um cuidado. Este é justamente a capacidade de prestar atenção ao que nos rodeia, evitando a indiferença, que é o contrário da comunicação.

A indiferença exclui as diferenças e as mediações destas, suprime a diversidade e categoriza de modo hegemônico, hierárquico, racista e colonial a multiplicidade de entres, atribuindo ao humano o topo da cadeia de relações possíveis. A comunicabilidade é a abertura e a potência dessas relações, é a possibilidade de encontros múltiplos e outros não restritos ou exclusivos às interações humanas. Com quem estamos vinculados e de quais maneiras importam porque práticas mundanas são feitas e refeitas entre alteridades significativas.

A comunicação é o encontro entre diferenças. O pacto comunicacional é portanto a associação temporária e provisória de entidades que entram em contato e em contágio mútuo em um compromisso, em uma responsabilidade ética de cuidado. Nesse toque multi e interontológico, os seres se coafetam e se coproduzem. Essa mutualidade afectiva, essa abertura e essa possibilidade de toque, atrito, recusa, afastamento, criação, inovação, superação, produção, conexão, vinculação e relação é a comunicabilidade. Disso decorre a convocatória de Haraway (2023) de resituarmos o problema e permanecermos com ele a fim de existirmos enquanto relações multiespécies.

Referências

HARAWAY, D. **Ficar com o problema:** fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

-
- HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HARAWAY, D. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- HARAWAY, Donna. **When Species Meet**. Posthumanities Series, v. 3, Cary Wolfe (Ed.). Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- LATOUR, B. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo / Rio de Janeiro: Ubu Editora / Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador, EDUFBA; Bauru, EDUSC, 2012.
- LATOUR, B.; STRUM, S. C. Human social origins: Oh please, tell us another story. *Journal of Social and Biological Structures*, v. 9, n. 2, p. 169-187, abr. 1986. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/20-HUMAN-SOCIAL-GB.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.
- MARRAS, S. Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 250-266, abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/LXPNJqrD7cVGtMzfHrC9Qhv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 11-25.
- OLIVEIRA, L. de.; SALGADO, T. B. P. Comunicação intermundos: entre a violência e a re-existência, quem fala? **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 22, n. 42, p. 142-153, jan./abr. 2023. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/984/926>. Acesso em 10 ago. 2023.
- ROSE, D. B. et al. Thinking Through the Environment, Unsettling the Humanities. **Environmental Humanities**, v. 1, n. 1, p. 1-5, maio 2012. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/environmentalhumanities/article-pdf/1/1/1/251579/1Rose.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SALGADO, T. B. P. **Sociologias pragmáticas e cultura digital**. Salvador: EDUFBA, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36419/4/sociologias-pragmaticas-e-cultura-digital-PDF.pdf>. Acesso em 10 ago. 2023.

SALGADO, T. B. P.; OLIVEIRA, L. de. Autocrítica como enfrentamento à colonialidade das abordagens comunicacionais brasileiras. **Chasqui**, n. 150, p. 113-128, 2022. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4702/3515>. Acesso em 10 ago. 2023.

SALGADO, T. B. P.; OLIVEIRA, L. de. Sociabilidade e comunicabilidade: convivências ontológicas em zonas de contato e contágio. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, São Paulo. **Anais[...]**. São Paulo, 2023.

SERRES, M. **A Comunicação**. Porto: Rés Editora, [19--?].

SHELDRAKE, M. **A trama da vida: como os fungos constroem o mundo**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

SODRÉ, M. **A Ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

STENGERS, I. **No Tempo das Catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STRUM, S. C.; LATOUR, B. Redefining the social link: from baboons to humans. **Social Science Information**, v. 26, n. 4, p. 783-802, dez. 1987. Disponível em: <http://www.brunolatur.fr/sites/default/files/30-STRUM-LATOUR-SOCIAL-GB.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

TARDE, G. **Monadologia e sociologia – e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WHITEHEAD, A. N. **O conceito de natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.